

**RESSIGNIFICAR
A LITERATURA AFRICANA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

Cristiane da Silva Umbelino (UEMS)

cristiane.umbelino@hotmail.com

Eliane Maria de Oliveira Giaccon (UEMS)

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo propiciar uma reflexão sobre o papel da literatura africana em língua portuguesa, como expressão de fatores culturais da sociedade lusófona, fato que possibilita a valorização de elementos culturais da África no Brasil. Um dos temas mais discutidos na atualidade é a diversidade cultural na comunidade lusófona e a necessidade de inclusão de temas ligados à comunidade africana, no processo de valorização da diversidade cultural brasileira. O Parecer nº 003/2004 do Conselho Nacional de Educação que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas, abre caminho para a valorização da cultura lusófona de expressão africana no interior do processo de ensino na educação básica e no ensino superior no Brasil. A proposta de investigação surge de uma inquietação crítica, no que se refere ao ensino de literaturas africanas em língua portuguesa no Brasil. Conhecer a literatura africana é talvez uma ressignificação à história africana, sempre tratada por uma única perspectiva, a dos colonizadores. Daremos um enfoque na literatura infantil apresentada por alguns autores como Mía Couto, Luandino Vieira, Ondjak, entre outros, estabelecendo também uma relação com autores brasileiros. Através dessas leituras, realizadas em oficinas literárias no âmbito escolar, foi possível apresentar a literatura infantil, trazendo temas considerados tabus, provocando momentos de debate e produções, o que envolve questões ligadas às metodologias de ensino de literatura, a formação do leitor e a difusão da leitura como espaço de ação pedagógica, conduzindo o aluno ao conhecimento das particularidades do texto literário infantil, e buscando o contato com a produção africana e brasileira de textos para criança e adolescente.

Palavras-chave: Literatura africana. Língua portuguesa. Cultura. Lusofonia.

Entrar em contato e propiciar uma reflexão sobre o papel da literatura africana em língua portuguesa, como expressão de fatores culturais da sociedade lusófona, é fato que possibilita a valorização de elementos culturais da África no Brasil. Um dos temas mais discutidos na atualidade é a diversidade cultural na comunidade lusófona e a necessidade de inclusão de temas ligados à comunidade africana, no processo de valorização da diversidade cultural brasileira. O Parecer nº 003/2004 do Conselho Nacional de Educação que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas, abre

caminho para a valorização da cultura lusófona de expressão africana no interior do processo de ensino na educação básica e no ensino superior no Brasil. A proposta de investigação surge de uma inquietação crítica, no que se refere ao ensino de literaturas africanas em língua portuguesa no Brasil.

Conhecer a literatura africana é talvez uma ressignificação á história africana, sempre tratada por uma única perspectiva, a dos colonizadores. Daremos um enfoque na literatura infantil apresentada por alguns autores como Mia Couto, Luandino Vieira, Ondjak, entre outros, estabelecendo também uma relação com autores brasileiros. Através dessas leituras, realizadas em oficinas literárias no âmbito escolar, foi possível apresentar a literatura infantil, trazendo temas considerados tabus, provocando momentos de debate e produções, o que envolve questões ligadas às metodologias de ensino de literatura, a formação do leitor e a difusão da leitura como espaço de ação pedagógica, conduzindo o aluno ao conhecimento das particularidades do texto literário infantil, e buscando o contato com a produção africana e brasileira de textos para criança e adolescente.

Antes de entrarmos propriamente na literatura africana, se fez necessário uma breve reflexão ao que tange, a questão do estudo literatura de uma forma geral. Começando no ensino superior onde fechada em uma pseudoteorização da literatura, que perdura por mais de duas décadas, os estudos literários vivem em um espaço de silêncio. Longe estão os momentos em que a ação do crítico (Candido, Schwarz, Benedito Nunes, Kurz, Rosenfeld, entre tantos outros) debruçava-se sobre o literário em busca de explicações para sua natureza e estrutura na interface com os aspectos sociais. Legado do Pós-tudo? Talvez! De qualquer forma, é preciso compreender a crise (tomando o cuidado para não reproduzir mecanicamente este termo). João Alexandre Barbosa, já no final da década de 80, discutia no texto "Leitura, Ensino e Crítica literária" questões referentes ao distanciamento do crítico de seu objeto: o literário.

O texto, um dos maiores ataques que tenho notícia à estética da recepção, propõe a necessidade de um leitor na aresta das colocações de Paul Valéry. Cevasco colabora, em seu texto, com a problematização da relação entre literatura e sociedade ao apontar para a necessária aproximação do texto, estética e valores culturais. Ocorre que sua linha analítica caminha para uma visão mais temática do que estética na aproximação com os dados culturais. Como rever ou discutir esta

postura? Talvez uma saída seja pensar na advertência do cuidado estético, feita por Candido e Schwarz (este mais pela forma com que lida com o texto em seu percurso analítico, aquele pelo caráter sociológico que determina um método de abordagem). É preciso discutir estas questões e, creio que se faz necessário olhar com mais cuidado para o literário, deixando de viajar pelo esvaziamento teórico que a tem consumido nos últimos anos. É preciso reler os clássicos, incluindo os teóricos, e não apenas citá-los.

Acredito que o percurso traçado pela teórica serve para alinhavar muitas leituras fundamentais da nossa formação acadêmica do indivíduo, mas não surgir como verdade total e soberana, sobreposta a literatura em si. Como forjar o professor leitor e mediador, por meio apenas da teoria literária, dos estudos culturais. Quando tratamos das questões ligadas a teoria e a literatura. Felizmente, uma nova visão de que o estudo da primeira vem sendo realizado em detrimento da segunda tem se manifestado aos poucos nas instituições de ensino superior. Se não houvesse a literatura, a teoria, um complemento da obra artística, inexistiria. Se o amor a literatura não fosse uma realidade todos os níveis de ensino que tratam do tema, se esvaziariam. O que nos falta hoje são leitores como do passado, grandes leitores, que conseqüentemente se tornarão grandes críticos.

Hoje muitos professores não leem as obras como deveriam, o aluno menos e dedica-se muito tempo ao estudo da teoria. E o neófito que nem mesmo aprendeu a amar os livros e já se depara com textos complexos, se espanta, a ponto de não começar a olhar a literatura com outro viés. Mas é notório que as coisas começam a mudar, caso contrário, o ensino de "literatura" tenderia a desaparecer. Uma grande lição do que seja a crítica nos dá Adolfo Casais Monteiro, que é a de fazer incidir alguma luz sobre a obra literária. O grande Borges confessa que das três tarefas às quais dedicou sua vida, a crítica e a ficção, o ensino e a leitura das obras literárias, foi exatamente esta última que lhe deu mais prazer. Não é à toa que sua imagem de paraíso era a de uma grande biblioteca. É isso que têm faltado nos cursos de letras: a leitura e o amor aos livros. Fala-se muito e lê-se pouco. Se algum dia começarmos a ouvir dizer que há uma "crise da literatura", o motivo nós já sabemos.

Segundo Zilberman (2008), foi na virada dos anos 70 para os anos 80 que se intensificaram e expandiram as discussões relativas à leitura na escola e ao papel da literatura no ensino. Neste período verificou-se vários movimentos que envolviam pesquisadores das áreas de letras e

pedagogia, que já tinham uma preocupação com a escola e com a qualidade de ensino e quais resultados futuros e que caminhos a escola seguira na formação do aluno.

E foi justamente nesse período, em meio a discussões que tratavam do ensino e aprendizagem da língua portuguesa que a literatura ganhou espaço, e nela foram depositadas possíveis soluções para superar problemas experimentados na sala de aula. Partindo de um pressuposto que se identificado dificuldades de leitura e escrita, era à literatura, representada por obras de ficção e de poesia, que faria o processo de mudança e ajudaria e/ou resolveria tais dificuldades. A literatura neste período ganhou um status que buscava propiciar a escola um papel de renovação e eficiência.

Desde então muita coisa mudou e substancialmente. O que aconteceu com a cultura, por exemplo, é extraordinário. Pensando que falamos anteriormente em literatura como papel modificador, onde o livro era soberano e detentor do conhecimento juntamente com o professor. Hoje a tecnologia eletrônica e digital veio revolucionar através de todo tipo de acessório como celulares, tablets e outros e que se comparados aos meios de veiculação dos textos utilizados no início dos anos 1980, a prerrogativa é facilmente descartada.

Ainda segundo Zilberman (2008) o aparecimento dos estudos culturais e a sua consolidação na universidade sinalizam não apenas o novo olhar posto sobre a cultura, mas as modificações por que essa passou no trânsito do século XX para o XXI. A ruptura das fronteiras entre o centro e a periferia, o erudito e o popular, entre a “alta literatura” e o *pop*, entre o clássico e o *fashion*, o rural e o urbano, determinou certa euforia que vigora nos meios tanto acadêmicos, quanto artísticos. A constatação de que tudo é cultura, e de que tudo é válido, alarga as potencialidades de criação e de investigação, de que resulta o bem-estar reinante nos segmentos focados nas expressões da arte e do pensamento.

Tudo o que mudou parece ter mudado para melhor – menos a escola, com suas consequências: a aprendizagem dos alunos, a situação do professor, as políticas públicas dirigidas à educação, para não se mencionarem as condições de trabalho, onde predomina a insegurança, e o espaço físico das salas de aula, degradado e degradante. Onde deveria reinar a mesma euforia, predominam a desolação, o desestímulo, os sentimentos de decepção e de fracasso.

Mas voltamos ao cerne da questão e perguntamos o que a escola

deve ensinar em se tratando de leitura? Antes a resposta era uma só: de que juntamente com a norma culta viria é claro uma literatura de cânone. O que hoje não mais caberia, tendo em vista todo o processo de modernização e globalização. Ensinar apenas o que é clássico e ignorar outras produções que são consideradas marginais, não mais cabem no contexto atual.

O ensino de literatura africana que por muitos ainda está a margem, vem de encontro com esse processo de mudança e de entendimento da literatura como forma de expressão cultural. Um de nossos objetivos é contribuir para a valorização do objeto literário, e a formação de cidadãos conscientes da importância dos valores culturais e, mais especificamente, do objeto literário como parte integrante da cultura brasileira em sua relação com a comunidade lusófona.

Para pensar a literatura como fonte de expressão cultural, vamos tentar focalizar a situação do ensino de literatura em língua portuguesa em um desdobramento com a situação dos textos ligados ao ensino de literatura brasileira para uma melhor compreensão do tema. E assim realizarmos algumas reflexões para possibilitar esse entendimento para que se encaminhe o leitor na construção do seu universo literário. Recorremos a João Alexandre Barbosa:

Situado entre a leitura e a crítica, o ensino de literatura, é proposto, por um lado, como decorrência da (leitura) e por outro, como encontrando seu prolongamento na crítica. Desse modo a qualificação, quer de leitura, quer de crítica, é instrumento essencial para que se possa pensar o ensino de literatura. (BARBOSA, 1996, p. 59)

Nunca se discutiu tanto sobre o ensino de literatura e quais caminhos ele deve seguir. No meio desse processo, desse prolongamento citado por Barbosa, entra também toda a questão cultural que está de certa maneira caminhando e evoluindo junto com a questão do ensino de literatura. Uma vez que uma, necessita da outra, em alguns aspectos, para que se consiga estabelecer um tipo de eixo, um tipo de ligação que permaneça e sirva de apoio e base para as reflexões sobre o tema.

Quando se abre uma discussão sobre cultura e literatura, já fica sinalizado que a cultura será entendida como um saber coletivo em que os indivíduos definem cada um a sua realidade, no meio em qual estão inseridos e essa situação reflete-se de forma potencializada nos diálogos com uma dimensão igualmente complexa que é a literatura. E para ilustrar essa ideia de uma possível complexidade da literatura, segue outro trecho de João Alexandre Barbosa:

(...) o leitor interage vivamente com o texto, na medida em que não apenas lê decifrando, mas desconstrói o cifrado pelo movimento da releitura. A leitura termina por exigir do leitor não apenas a experiência do texto em que está sendo lido, mas uma convivência com a própria linguagem para que se possa avaliar o trabalho realizado pelo autor do texto. (BARBOSA, 1996, p. 59)

Se fizermos a pergunta de por que relemos certas obras, talvez uma das respostas, seria a de que elas sempre terão novos elementos a serem discutidos, mesmo permanecendo com seu núcleo sem alterações. Existirão novas leituras, novos entendimentos, alguns acréscimos, mas ela sempre oferecerá uma novidade marcada pela sua época de origem. Barbosa (1996) exemplifica brilhantemente essa ideia:

Cada século teve o *seu* Dante, o *seu* Shakespeare, o *seu* Cervantes, sem que, entretanto, sejam autores inteiramente diferentes daqueles que foram lidos e apreciados por seus públicos imediatos. São obras que atravessam épocas...e estabelecem um grau de valor com referência a leitura ou a releitura que delas venham a ser feitas. Nesse sentido essa leitura, é quase sempre uma releitura daquilo que significa a literatura, para o presente em que se situa o leitor. (BARBOSA, 1996, p. 61)

A constante releitura da tradição, concordando com Barbosa (1996), indica um caminho remissivo na leitura da tradição. Cada nova leitura é uma ampliação da leitura anterior e justifica a valorização de obras literárias como simulacro de aspectos culturais relacionados a um determinado recorte histórico, reavaliados e atualizados pelo leitor em seu presente histórico.

Este aspecto é importante, retomada de novas obras em leituras constantemente revistas, para compreender a importância de apresentar novos textos a leitores em formação e, no caso de nossa investigação, compreende o esforço de apresentar textos da tradição em língua portuguesa na África como aspecto importante no diálogo intercultural na perspectiva lusófona.

A ideia da obra literária como espaço de transmissão de valores culturais ganha força na linha argumentativa que propomos para este estudo. Ao compreendermos cultura, na aresta de Todorov (1998), ou seja, como transmissão de valores ligados a uma determinada formação social de maneira a estabelecer elos de influência e diálogos entre diferentes camadas da sociedade ao longo do tempo de forma a percebermos a progressão e transmissão desses valores de geração em geração, somos impelidos a compreender que uma vez matizados em formações artísticas os valores culturais encontram na arte, não só na arte literária, mas na arte em um sentido mais amplo; um espaço produtor para a ampliação do

conhecimento de mundo e a perpetuação de traços de cultura.

O que podemos retirar dessa junção de cultura e literatura, no viés das literaturas africanas em língua portuguesa, é buscar textos que tratam do ensino de literatura africana e, neste percurso, valorizar a possibilidade de ampliação do universo cultural via diálogo com os textos africanos. Nossa ideia é demonstrar que mesmo com as dificuldades de leitura, que hoje existem no ensino de literatura, é possível valorizar o texto literário. Defendemos a hipótese de que uma vez apresentado e discutido de forma específica, o texto literário consegue atingir o leitor em formação e, com isso, a apresentação de diferentes obras literárias, inclusive, as de expressão de língua portuguesa produzidas na África nos ajuda a aprofundar a transmissão de valores culturais e, com isso, contribuir para a formação de leitores literários.

Mais uma vez reitero que é preciso questionar o ensino da literatura, pois a sua validade já é questionada, e não é pouco, pelos alunos da educação básica. Ouve-se muitas perguntas acerca da aplicabilidade e da função do ensino da literatura na realidade dos alunos - e a resposta, baseada no amor, na fascinação e submissão que, às vezes, de forma pessoal, algumas obras exercem, visceralmente, sobre nós, não parece atender satisfatoriamente. Se formos ainda mais audaciosos e estendermos esse questionar, podemos perceber que, infelizmente, num movimento contrário àquele por nós desejado, parece mesmo, aos alunos, tanto da educação básica quanto do ensino superior, que a literatura é, de todas as humanidades, aquela que menos importância parece ter na realidade humana. Quando começou esse distanciamento? E por quê? Como fazer para aproximar, como sempre desejamos, a grandeza das obras literárias do homem sem tempo, imediato e alheio, às vezes num esconderijo de si mesmo, que se nos mostra hoje? Dessa forma as literaturas africanas em língua portuguesa ficam cada vez mais distanciadas do ensino, pois entram no vazio de porque ensiná-las, como se não fossem parte de toda uma cultura histórica.

Tânia Maria de Araújo Lima, professora da UFRN, escreve um artigo que já suscita algumas questões no próprio título quando a autora deixa uma pergunta: "Ensino da literatura africana: e os poetas novos com isso?" Dessa maneira traz o leitor para uma prerrogativa a ser pensada sobre a literatura, a poesia e o novo. No qual ela já esclarece como primeiro ponto, logo no início, que quando se trata da literatura africana, é necessária antes uma reflexão sobre a literatura de uma forma geral, sem pensar em etnia, raça ou credo.

Ao falar da poesia que também pertence ao tema, Lima aponta para a preocupação com o léxico, dizendo que há no poema uma necessidade que se volte para a eleição da palavra, onde afirma que a geografia da palavra é a cultura, e que se pode falar de qualquer lugar, de qualquer país, mas sempre pensando em tocar na cultura desses povos, do contrário não haverá como atingir de maneira verdadeira suas raízes cartográficas.

E continua descrevendo de maneira quase poética quando fala do verbo, fazendo analogias a música e a melancolia, onde esta última é um estado de poesia, e o verbo conseguirá extrair suas emoções através de um possível delírio ao enxergar o mundo pelo lado avesso e não pelo lado considerado o correto, o direito. Mas sim o lado preferido por alguns poetas, o torto, o inacabado, o que para uns é considerado estranho e desencantado, para outros é puramente encantado.

Em seguida a autora traz um fragmento do poema Na boca do Lobo, do poeta Jota Mombaça o qual ela apresenta de forma um tanto irônica, como ator, bailarino, e mentiroso, além de poeta, escritor. Quanto aos comentários sobre o trecho, ela apenas levanta algumas questões que se instauram no meio poema, e as lança: como se diz, por que se diz, sobre o que diz em uma época lá atrás. Mas como se estivesse falando dos poemas de uma forma geral e não apenas do trecho apresentado.

E segue tratando da poesia como sugestão de um recado de amor ao ser, à ciência, ao imaginário e a todas as sensações. Fala de poema e filosofia que traçam caminhos diferentes para se conhecerem, mas ambos são partículas de acesso ao ser. Escreve de verdades reais e verdades inventadas, mas diz que uma das verdades é que o poeta jamais nasce apenas para ser um adorno e conseqüentemente sua poesia não deve figurar como pano de fundo, mas como uma espécie de pano do saber.

Lima usa de um entre atos de uma peça, para apresentar um trecho de Chacon, para convidar o leitor a fazer uma reflexão e repensar o lugar da prosa-poética e também apontando para uma afinidade entre ciência e poesia. Porém o convite fica no ar, pois o que segue são algumas premissas levantadas pela autora, como a teia da vida que se estende a outras teias ou que não se atravessa um mesmo rio duas vezes, o que é feito citando alguns filósofos como Sócrates e Heráclito.

E continua como se tivesse tentando encontrar um lugar, um espaço para a poesia e o poeta. Poeta este que ela define como um ser que não ganha, mas também não perde, mas simplesmente se apega a

viver plenamente de seu objeto, a poesia. E quanto a esta, não se sabe sobre sua real necessidade de oferecê-la aos outros, nem á escola, onde talvez ele devesse aparecer. Mas que não se deve, em momento algum, desconfiar de qualquer palavra poética e que ela sempre saberá o caminho a seguir.

No decorrer do artigo ela segue levando a poesia ao mais alto patamar, sendo vista como um tipo de ferramenta que pode nos oferecer subsídios para melhorar um pouco do mundo que vivemos. Pois a poesia se doa por intermédio da palavra, e se doar nos faz repensar nosso papel na humanidade, em meio a tantas incertezas. E é por meio dela, que conseguimos trabalhar com o imaginário e ver além das reticências e preservando a memória das palavras, pois sem elas, talvez não seja possível se construir estórias.

A autora apresenta um trecho longo de um poeta “rio-grandense”, Rodrigo Violeiro, considerado como pertencente aos chamados poetas novos. Ele está em ritmo de prosa, bastante marcado com expressões coloquiais e regionalistas, uso de onomatopeias e palavras consideradas de baixo calão. Nas palavras da própria autora, o tom de repente vem misturado a um eco grafiteiro, toada de hip hop, na mistura sincrética de uma cultura para lá de híbrida. E é apenas isso o que é dito sobre o fragmento apresentado.

O que é feito por Lima em seguida é continuar a desenhar a poesia, como não existente num mundo real, o que parece contraditório, pois anteriormente ela a usará como bengala para as mazelas da humanidade. Cita Jorge Luís Borges (2002, p. 7) que é quem acrescenta com lucidez: “parece que o homem canta antes de falar”. Assim ela sugere que o poeta quando canta, muitas vezes sem saber, sugere o essencial da alma. Traz novamente a filosofia onde a tem como a casa da poesia, e que sem a filosofia o poema está incompleto.

E continua no mesmo pensamento no trecho citado: “Tudo o que a filosofia pode esperar é tornar a poesia e a ciência complementares, unilas como dois contrários bem-feitos” (BACHELARD, 1999, p. 2). E que no ápice da criação, o poeta busca por algo que faça parte de sua essência humana e que é possível encontrar a poesia na oração, na música, pois na canção pode se enxergar a sua própria metáfora, e a na vida, pois escrever é a para ele um ato de existir e de resistência.

No fragmento do poeta americano Cummings, Sol das Oliveiras Leão, Lima apontará sobre as condições de poeta e sua pátria, talvez aqui

seja um dos lugares onde ela menos poetize. Que sua pátria é ilimitada, e quando um poeta falsifica suas origens, ele está cometendo um gravíssimo crime contra a palavra e consigo mesmo. Podemos aqui lembrar Tolstoi quando diz que quem canta a tua aldeia perecerá.

Lima usa da citação: “A linguagem falada está mais próxima da poesia que da prosa” (PAZ, 1982, p. 25), para suscitar questões sobre não se calar, pois falar e saber que sabemos algo e esse saber exige aguçadíssimos sabores. Falar e isso pode ser através da poesia, nos trará possíveis consequências, quando essa fala não está de acordo com o que está dito e tido como verdade. Mas calar não é a opção.

A autora conclui dizendo que devemos tentar fazer da vida uma poesia. Mas fazer isso não de forma individualizada, mas criando relações, doando-se com verdade e alma. Diante de uma crise que a humanidade vive, e não apenas de caráter social, político, econômico. E sim uma crise que envolva as relações humanas, nos levando a refletir que é tempo de começar a investir em relações mais saudáveis consigo mesmo, com os outros e consequentemente com o mundo.

Lima parecia partir do método comparativo, mas por vezes pairava entre o indutivo e o dedutivo. Ora levantava questões suas para chegar a determinadas conclusões gerais. Ora trazia uma situação geral para concluir sua opinião particular. Nada de histórico ou estatístico foi usado nesse artigo. Para fundamentar sua teoria ela usou de alguns teóricos, mas trazendo algumas citações que davam a impressão de estarem soltas em alguns momentos, talvez pela necessidade de um pouco mais de posicionamento sobre as mesmas.

Ela mostra-se totalmente idealista e romântica nesse artigo, no qual ela trata somente de celebrar a poesia, muitas vezes deixando uma impressão piegas e ingênua sobre como lidar com esse gênero. A pergunta feita inicialmente no título, não é retomada em nenhum momento no decorrer do texto. Aliás, o título nada tem de comum com o artigo. Não se menciona o ensino da literatura africana, a não ser em única linha no início. No que se refere aos poetas novos, são apenas fragmentos pouco explorados e que não se ampliam na ideia apresentada como poesia nova.

Sua leitura não exigirá nenhum conhecimento prévio ao leitor, pois Lima não defende nenhum conceito ou teoria mais aprofundada. Ela transmite uma simplicidade, mas sem objetividade quando deixa de assumir algumas posturas durante o texto, a não ser a de enaltecer a

poesia. O texto que a princípio se imagina dizer sobre um assunto, e tratará de outro ficou fora de minhas alternativas quanto a auxiliar sobre os questionamentos sobre o ensino das literaturas africanas. Porém ele pode ser oferecido aos estudantes que pesquisem ou apenas sejam apreciadores ou amadores da poesia de uma forma geral, vindo muito a contribuir.

Entendemos que o distanciamento não só de alunos como de professores em relação aos textos literários, não só africanos; mas também brasileiro é fator importante para a desvalorização do objeto literário em qualquer ambiente de estudo. Entendemos que o ensino de literatura como uma maneira eficaz de conhecer novas vozes até então marginalizadas no ensino de literatura de expressão de língua portuguesa forneceria aos professores e alunos uma possibilidade de compreensão mais ampla da cultura africana e, por correlação, as proximidades e distanciamentos diante da cultura brasileira.

Ressignificar a literatura africana, talvez esteja em entender a razão do porquê amarmos tanto a literatura, e uma possível resposta seria a de Todorov, que diz seja qual for a literatura, ela amplia o nosso universo respondendo como nenhuma outra "ciência" ou arte a nossa vocação enquanto seres humanos. Pois se pensarmos o que ensina a literatura e como ela serve de interface para construir a cultura e com isso o cidadão, podemos prever que conceito de cidadania ela vai construir e qual a finalidade certas obras ditas dignas de serem estudadas. Pois são estas obras que vão construir a história da cultura e passar para a história como as que merecem ser lidas e se tornarem emblemáticas, representativas da história e da identidade de um povo, grupo ou segmento social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Breve; Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1986, 2 v.

HAMILTON, Russell G. *Literatura africana, literatura necessária, II: Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Edições 70, 1984.

ILARI, R. *A linguística e o ensino de língua portuguesa*. São Paulo. Martins Fontes, 1986.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

_____. *Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LIMA, Tania Maria Araujo. *O ensino da literatura africana: e os poetas novos com isso? África & Áfricas: No entrelugar das estórias*, 2010.

VIEIRA, José Luandino. *O livro dos rios*. Luanda: Nzila, 2006.

ZILBERMAN, Regina. (Org.). *A produção cultural para a criança*. Novas perspectivas 3. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

_____. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Novas perspectivas 1. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.